

# Buscar caminhos enquanto os ricos ainda envelhecem: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI

Alexandre Maia do Bomfim

**Como citar:** BOMFIM, Alexandre Maia do. Buscar caminhos enquanto os ricos ainda envelhecem: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI. *In:* NOVAES, Henrique Tahan; LIMA FILHO, Domingos Leite; SANTOS, José Deribaldo Gomes dos (org.). **Educação profissional no Brasil do século XXI: políticas, críticas e perspectivas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. v. 3. p. 121-148. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-526-1.p121-148>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# 5

## **Buscar caminhos enquanto os ricos ainda envelhecem: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI**

*Alexandre Maia do Bomfim*

### **INTRODUÇÃO**

我們不能回復正常因為原來的正常 就是問題所在 [Não podemos voltar ao normal, porque o que era normal era exatamente o problema] (Grafito encontrado em várias partes no mundo durante a pandemia da Covid-19, sendo provavelmente o primeiro em Hong Kong).

Algo atribuído frequentemente a quem trabalha com a questão ambiental é que são pessoas possivelmente alarmistas. Mas, seremos de fato?

Como avaliar isso? E como isso ocorre dentro da educação? Devemos levar nosso alerta ambiental à educação, mas de que maneira? E considerando a área de Trabalho e Educação, como fazer isso criticamente?

Então, há um bom tempo estamos fazendo reflexões<sup>1</sup> que constituiriam uma educação ambiental efetivamente crítica. Para isso, trouxemos sobretudo o cipoal teórico metodológico da filosofia da práxis<sup>2</sup> à questão ambiental, essa filosofia que sempre esteve fortemente presente na área de Trabalho e Educação (TE). Tivemos que adjetivar a Educação Ambiental (EA), porque precisávamos distingui-la de “outras” educações ambientais, especialmente as que estão hegemonicamente postas pelo sistema do capital (Mészáros, 2002) ou simplesmente porque se mostraram conciliatórias. A nossa, portanto, é a “Educação Ambiental Crítica” (EA-Crítica), nosso lugar de estudo, de pesquisa e de militância. Acho que vale tentar uma definição no parágrafo abaixo.

Nossa Educação Ambiental é, antes de tudo, crítica ao sistema do capital, porque não consegue ver solução para o meio ambiente sob esse modo de produção; não aceita nem a possibilidade de conciliação porque vê nessa situação apenas adiamento do agravamento do problema. Nossa EA-Crítica tem como pressuposto a luta de classes para entender a degradação ambiental, por conta disso, busca apreender a realidade a partir dos conflitos socioambientais, pressupondo inclusive que eles existem independentemente de um dos lados conseguir enxergar ou não os antagonismos. Na verdade, uma das tarefas da EA-Crítica é revelar o conflito socioambiental não evidente. Nossa EA-crítica não compactua com a proposta de Desenvolvimento Sustentável (DS), porque entende esse caminho como sendo um paliativo posto por parte do sistema do capital. Nossa EA acaba se aproximando de teorias críticas, especialmente do materialismo-histórico-dialético porque convergem na reflexão e ação contra o capitalismo. Ou melhor ainda, foi o materialismo-histórico-dialético que perpetrou a “crítica” em nossa EA. Nossa EA-crítica é interessada nas questões políticas, econômicas e sociais, porque se constitui humanista, quer dizer, não se reduz ao biocentrismo, contudo também não é antropocêntrica.

---

<sup>1</sup> Cf. Bomfim (2011, 2021, 2022) e Bomfim e Piccolo (2011).

<sup>2</sup> Cf. Konder (1992).

Dessa forma, a convergência entre essa EA-crítica com o que a área de TE vem nos dizendo há décadas era inevitável, sendo isso que pretendemos continuar desenvolvendo aqui. Há muitos autores que já vinham fazendo essa convergência (Lowy, 2005; Lowy, 2013; Trein, 2022) que se inicia com a não aceitação da educação capitalista como solução à sociedade, especialmente porque não é uma educação favorável à classe trabalhadora. Em última instância, se não há saída para classe trabalhadora no sistema do capital, também não há para a natureza. Além dos pressupostos convergentes que ocorrem teórico-politicamente entre as duas áreas, outros itens puderam se aproximar ainda mais com a reflexão e com a militância. Enquanto os filósofos da práxis ligados à área de Trabalho e Educação mostraram que uma educação reprodutora não serve e a educação omnilateral é o horizonte, os filósofos da práxis da EA-crítica mostraram que a temática ambiental não é secundária, porque, embora não seja contradição de primeira ordem para o sistema do capital, é contradição para a humanidade. E esse detalhe final é importante ressaltarmos. O sistema do capital tem a exploração do trabalho como sendo sua grande contradição, porque para sua própria sobrevivência precisa explorar trabalho, ou seja, sugar-lhe tudo que possível, mas não pode extingui-lo. O capital explora o trabalho, este quem de fato gera toda riqueza, mas precisa fazê-lo até certo ponto, porque tem relação de dependência. Isso explica também por que o capital precisa confirmar sua alienação concreta através do Estado, através da educação, da mídia e por meio de todos os aparelhos que estiver em mãos. Nesse lugar, o capitalismo por vezes pode até ter que fazer concessões, dar alívios provisórios à classe trabalhadora. Não obstante, nos parece que em relação ao meio ambiente isso não vem com o mesmo empenho, não tem como ocorrer de fato. O sistema do capital não recua em relação à degradação da natureza. Mesmo num governo progressista, se tiver que fazer a Usina de Belo Monte, dará um jeito para isso, da mesma forma que mais cedo ou mais tarde o Ibama dará a licença necessária para extração do petróleo na margem equatorial do Amazonas... Talvez aí, os filósofos da práxis da EA-crítica possam nos mostrar cada vez mais a solidez de seus argumentos, assentados nos efeitos catastróficos ocasionados por esse sistema. Esse sistema que na mesma proporção que engendra as catástrofes se mantém inepto para tomar decisões profiláticas que pudessem impedir as consequências

ou que pudessem recuperar de fato o que degradou. O sistema do capital não tem essa vocação. As características do capitalismo tendem ao colapso humano e ambiental. Neste momento, vamos experimentando os *flashes* desse futuro perigoso, não se trata de uma leitura pessimista ou alarmista. O que foi obter o mês de setembro mais quente registrado na história em 2023<sup>3</sup>? O que foi a tragédia da pandemia da Covid-19 que estourou em 2020? A pandemia da Covid-19 não possuiria aspectos ambientais para serem considerados e que podem ter sido agravados pelo sistema do capital?

Posto isso, o que queremos refletir neste capítulo é esse encontro entre a Educação Ambiental com a Educação Profissional (EP), considerando especialmente o que pesquisadores e estudiosos das áreas de TE e da EA-crítica nos deram, no contexto brasileiro, nos últimos anos. O que essa EA-crítica tem a dizer à Educação Profissional?

Sobre o título deste texto, pensamos em alguns... Um, viria com um escopo mais ajustado: “*O Encontro entre a Educação Ambiental Crítica e a área de Trabalho e Educação: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI*”. Outro, viria lúdico, digamos assim, possivelmente mais ousado: “*Rumo ao ecossocialismo: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI*”. No meio do caminho, ainda tínhamos esse: “*Buscar caminhos enquanto os ricos ainda morrem: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI*”, porque queríamos nos impor uma reflexão sobre o esgarçamento da sociedade capitalista, sobre denunciar o fracasso de seu projeto que em algum momento se supôs civilizatório, sobre apontar suas próprias irracionalidades. Nossa hipótese-de-trabalho é que o sistema do capital é incapaz de reverter o caminho degradador da natureza e que chegará em breve a mais episódios de ameaça contundente à humanidade, que a desigualdade exorbitante que vai sendo ampliada com seu modo de produção não sustenta o argumento da razoabilidade. A nossa ironia, com o título, seria tentar mostrar que mesmo diante desse limite final, que todo ser vivo possui, que é a morte, não tem sido suficiente para frear uma das características humanas que esse sistema inflaciona: a ganância. No fim das contas, ficamos com: “*Buscar caminhos*”

---

<sup>3</sup> Cf. Jornal Nacional (2023) e Yazbek (2023).

***enquanto os ricos ainda envelhecem: o desafio de pensar a Educação Profissional diante da emergência climática do século XXI***, porque nosso intuito maior é mostrar a que níveis de irracionalidades chegamos, mostrar que o suposto projeto civilizatório do capitalismo (em que nunca acreditamos) chegou a várias incongruências. Além do mais, dizer que queremos alterar alguma coisa enquanto “os ricos ainda envelhecem” pode ser mais cauteloso para uma reflexão dentro da Educação, do que propor algo enquanto “os ricos não morrem”, para que não haja mal-entendidos, como parecer insuflar (considerando a luta de classes) alguma ameaça aos mais abastados. Em se tratando do lugar que refletimos, como também o que queremos de fato construir, não tomamos “o quanto pior, melhor” para as mudanças políticas de uma sociedade, mesmo reconhecendo que é uma possibilidade para alguns grupos. Desejamos, apesar de tudo, sempre corajosamente fazer uma reflexão-ação pacifista.

Já dissemos acima que a EA que queremos levar ao encontro com a EP é humanista, considera o político, o econômico, o social e – vale acrescentar agora – o filosófico. Precisamos reivindicar “a atitude de pensar” (como nos propunha Ana Arendt), colocar inclusive esse pensar como necessário e urgente. Um pensar que se avolume, consiga se estruturar e queira o bem. “Querer o bem” não é um sofisma, nem se trata de romantismo, é uma proposta de encaminhamento, um caminho de reflexão. Antes disso, o caminho é trazer a materialidade para evidenciar os limites, para mostrar a própria irracionalidade que vai se impondo. Por isso, o título inusitado, como não estranhar que seres que envelhecem em tão pouco tempo (os que conseguem) queiram aprisionar o futuro dessa forma, pior, acabem imprimindo marcas nocivas ao planeta de maneira perene enquanto eles próprios não são... Marcas nocivas porque acumulam vorazmente, submetem tudo e todos para garantir esse acúmulo. E fazem isso com essa expectativa de vida curta, imaginemos o que farão quando começarem a morrer mais tardiamente ou mesmo quando(se) começarem a não morrer. Melhor fazermos a revolução enquanto os ricos ainda podem estar sensíveis a esse limite... O que serão capazes de fazer contra os que nada ou pouco possuem para se manterem sentados (como a figura Tio Patinhas) sobre suas montanhas de riquezas?

## **A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES AOS HUMANOS**

Então, não são poucos os estudos que já fizemos<sup>4</sup> sobre o encontro entre TE e a EA-Crítica, mas, ainda que seja esse nosso pano-de-fundo, o que vamos tratar aqui é de um tema específico: a emergência climática. Emergência climática é a constatação de que já vivemos as mudanças climáticas de grandes proporções, de extensão planetária, em que se observa aumento de temperatura de maneira geral, em que vemos maior frequência de eventos extremos (como recordes pluviométricos, ondas de calor, como também períodos de frio excessivo, de seca prolongada, inundações de rios etc.), que descaracteriza o tempo e o microclima das regiões, retira inclusive a própria identidade das estações do ano, impõe maior imprevisibilidade aos meteorologistas. Emergência Climática é a percepção de que os problemas ligados ao ambiente impuseram alterações ao clima, impuseram-nos nessa fase de experimentação com iminência de haver um agravamento se nada for feito. Estamos na sala de emergência agora, confirmando diagnósticos e vendo que atitudes tomar. Eis a questão: o que vamos fazer?

No mesmo momento que fazemos esta reflexão, ocorria no Brasil eventos climáticos ambientais que valem ser destacados:

Manaus registra a terceira maior seca da história da capital, nesta sexta-feira (13). Com o Rio Negro em 13,91 metros, a cidade está a 28 centímetros da vazante histórica, registrada em 2010, quando o rio chegou a descer para 13,63 metros. [13/10/2023] (Monteiro, 2023a).

Curitiba registrou, até o meio da tarde desta quinta-feira (12), um acumulado de 280,4 mm de chuva somente em outubro. O montante quebrou o recorde histórico de chuva dos últimos 26 anos, de acordo com o Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar). [12/10/2023] (G1, 2023a).

---

<sup>4</sup> Bomfim (2010, 2011a, 2011b); Bomfim; Piccolo (2011).

Acima, vemos duas reportagens bem curiosas de datas bem próximas: a primeira, trata de uma seca histórica em Manaus em outubro de 2023; a segunda, uma enchente no Sul, igualmente histórica e no mesmo mês. Isso deve ligar um botão de emergência? Não. Não se precisaria ligar nenhum botão de emergência ao considerar o evento histórico, porque recordes serão quebrados e mais, se um evento já foi mais forte no passado, por que haveria uma expectativa que não repetisse? Não é isso que deve nos afligir. Não obstante, olhemos mais essas duas reportagens abaixo sobre as mesmas regiões, referentes a alguns meses antes dos eventos que trouxemos acima.

O Rio Negro atingiu a cota de inundação nesta semana, em Manaus. Nesta sexta-feira (12), o nível está em 27,58 metros. Falta menos de 1 metro para o rio atingir a previsão de cheia, que para 2023 é de 28,51 metros. Entenda como esses níveis influenciam a subida das águas na capital. [12/05/2023] (Monteiro, 2023c).

Mais de 200 municípios do Rio Grande do Sul estão em situação de emergência devido à estiagem. Terra seca, campo sem pasto, açudes e rios sem água. O gado criado solto em Uruguaiana, na fronteira com a Argentina, sofre. Nesta semana, dez já morreram de sede e fome. [04/02/2023] (G1, 2023b).

Quer dizer, a mesma região Norte que vivia em maio de 2023 uma inundação muito significativa, obtém uma seca histórica cinco meses depois; a mesma região Sul que encarava uma estiagem de longa data até fevereiro de 2023, obtém oito meses depois enchentes com raríssimas situações semelhantes ao longo do tempo. Mas, tudo bem, continuemos sem ligar o botão de emergência, mesmo porque esses fenômenos ainda podem obter explicações dentro de certa “normalidade climática”, caso consideremos, por exemplo, uma linha de tempo mais alongada ou mesmo fenômenos que reaparecem com alguma regularidade que poderiam ser as causas desses eventos extremos, como *La Niña* ou *El Niño*<sup>5</sup>. Ainda assim, é possível

---

<sup>5</sup> Na própria reportagem sobre a estiagem no sul (G1, 2023b) menciona a “La Niña” como possível responsável: “Fenômeno La Niña no estado aumenta as temperaturas e reduz as chuvas, e o impacto nas lavouras já chega a 70% de prejuízo, com perda de R\$ 6 bilhões na safra de verão”. Assim, como para explicar a seca no Norte e chuvas em setembro e outubro de 2023 se recorre ao fenômeno El Niño: “*Nas últimas semanas, muitos brasileiros viram os termômetros das cidades atingirem marcas recordes acima de 40°C*”



observar a fragilidade ecossistêmica dessas regiões. Por que esses impactos estão sendo percebidos como severos se seriam ciclos normais que estão passando? Chama atenção o bioma amazônico, como pode estar passando por uma estiagem tão severa se menos de cinco meses antes estava em cheias significativas? Como uma floresta ainda tão exuberante não consegue reter água suficiente para o restante do ano? Enfim, como não queremos hipostasiar a questão, como nosso estudo não passa por aí, porque não é nosso escopo e nem possuímos expertise para isso, continuemos nas informações que problematizam se devemos ou não considerar esses momentos como sendo de emergência. A seguir, uma informação importante para avaliarmos esse período que vamos observando agora:

O planeta Terra teve em 2023 o mês de setembro mais quente da história. Foi o maior salto de temperatura de todos os tempos. A média global superou o recorde anterior em 0,5° C, uma margem muito acima da esperada por cientistas. A temperatura do planeta em setembro ficou 1,8° C acima dos níveis pré-industriais. [05/10/2023] (G1, 2023c).

E agora? Agora temos uma informação mais emblemática. Como não ligar o botão de emergência diante do mês de setembro mais quente da história? E como não ligar esse dado aos eventos climáticos extremos desse ano de 2023? Por incrível que pareça ainda há espaço para o negacionismo. Sigamos para ver até onde isso pode ir. Obter um mês específico como o mais quente da história, ainda que seja uma quebra de recorde, é uma possibilidade estatística que pode ocorrer, a qualquer momento, desde o início das marcações. E a segunda discussão é avaliar o quanto esses fenômenos de aquecimento e de mudanças climáticas são ou não, de fato, antrópicos.

Caso obter o mês de setembro mais quente da história não seja suficiente para o alerta, como ficamos diante da informação que os meses de julho a agosto de 2023 também foram:

---

*por causa de uma onda de calor escaldante. No Rio Grande do Sul, temporais inundaram centenas de municípios. O Amazonas pede por água diante de uma das secas mais severas do Rio Negro. Afinal, por que cada região do país está enfrentando situações climáticas diferentes? O que está acontecendo e explicado pelos efeitos do fenômeno El Niño” (Pimentel, 2023).*

O planeta registrou nos últimos três meses uma série de eventos climáticos extremos, como ondas de calor, incêndios e inundações, que se tornaram mais frequentes e intensos devido ao aquecimento global. Julho e agosto de 2023 foram os meses mais quentes já registrados no planeta, segundo o Observatório Europeu Copernicus (EMS), para o qual 2023 provavelmente será o ano mais quente da História. [06/09/2023] (O Globo, 2023a).

Claro que um dos anos, desde que começamos os registros, terá que ser o mais quente da história. Não obstante, no mínimo precisamos achar curioso que os anos mais quentes da história tenham ocorrido nos anos após 2015, ou seja, são recentes:

Os dados do serviço europeu indicam que os oito anos mais quentes já documentados aconteceram de 2014 para cá. A margem de diferença entre os recordistas, inclusive, está cada vez mais apertada. Até agora, o ranking é liderado por 2016, seguido respectivamente de 2020, 2019 e 2017. [10/01/2023] (Miranda, 2023).

Parece que agora é possível apertar o alerta, não? Mesmo porque, os anos mais quentes não estão distribuídos ao longo da série histórica, mas estão se concentrando nas datas mais recentes. Esse fato parece ser muito expressivo. Por incrível que pareça, ainda é possível encontrar negacionistas nesse momento da argumentação. Alguns negacionistas consideram que as Estações Meteorológicas (EM) ao longo do tempo assistiram a alteração do contexto em que foram instaladas, o que poderia explicar os aumentos de temperatura mais recentes. As Estações Meteorológicas (equipamentos que podem medir temperatura, vento, chuvas, pressão atmosférica e radiação) realmente podem ter assistido seu entorno alterar. Elas que poderiam ter sido instaladas em regiões distantes de uma área urbana, podem ter visto a pavimentação e outras alterações ocorrer ao seu lado, o que explicaria aumento da temperatura local. Ou seja, num balanço geral poderíamos não estar passando por um aquecimento global, mas somente por um aumento

da média porque algumas EM se viram localmente em espaços mais quentes. Mesmo assim, podemos estabelecer mais questões para esses supostos negacionistas resistentes. Ainda que as EM estejam sendo influenciadas pelas alterações essencialmente locais, tem como desconsiderar o aumento médio geral delas? E por que mesmo com a ampliação e diversificação das EM, mesmo considerando suas instalações em espaços mais amenos, continuamos a ver registros gerais de aumento de temperatura?

Além disso, mesmo que não fosse global o problema do aquecimento ou das mudanças climáticas, por exemplo, não valeria a preocupação local, considerando nossos microclimas, nossas instalações e modo de reproduzir a vida dentro dos biomas que fazemos parte? Mesmo que se desassociasse as queimadas do Cerrado brasileiro com o aumento de temperatura na Antártica, tem como não achar assustador a nuvem de fuligem que veio da Amazônia que escureceu São Paulo<sup>6</sup>? Essa nuvem que atravessou um continente não nos parece pouco... Por fim, mesmo que tudo isso que ocorre a nível planetário não seja diretamente determinado pelas atividades humanas, mesmo que fenômenos da natureza sejam mais decisivos, como as cinzas que expelem os vulcões, o sequestro ou liberação do gás carbônico realizado pelos oceanos, as erupções solares ou os interstícios entre as era glaciais, devemos como seres supostamente inteligentes desistir de avaliar nossa participação? E mesmo que a ação antrópica não seja protagonista, o ser humano não deveria se responsabilizar e agir exatamente no movimento oposto a um processo que deixa o nosso planeta mais inóspito a nossa espécie? Vale a pena sustentar um modo de produção tão imprudente ecológica como tem sido o sistema do capital?

## **DA PRUDÊNCIA ECOLÓGICA À LUTA ECOLÓGICA: UMA PROPOSTA DE REVER DESENVOLUÇÃO CIENTÍFICA-TECNOLÓGICA**

Já fizemos alguns estudos em que nos posicionamos criticamente à ideia de “Desenvolvimento Sustentável” (DS), já vimos que essa proposta é conciliatória com o Sistema do Capital, que não é somente uma disputa

---

<sup>6</sup> Cf. G1 (2019).

por termos porque se trata de uma expressão essencialmente economicista (que não faz menção ao ambiente, à ecologia ou algo próximo). Embora reconheçamos a positividade da palavra “desenvolver”, o termo DS tem contribuído muito para que o Sistema do Capital encontre seu alibi para: desmatar a favor da agricultura; escavar o solo, destruir cenários e poluir as águas pela mineração; expulsar populações originárias para ocupar de outra forma; submeter fauna e flora justificando que é pela segurança alimentar etc. Não é possível conciliar desenvolvimento com preservação ou conservação ambiental? Não! No capitalismo não tem sido possível. Essa é a nossa resposta porque vemos que não tem sido possível desenvolver sem degradação pelos parâmetros que possuímos hoje na sociedade capitalista. Ao ponto de dizer que nem é necessário distinguir “conservação” de “preservação”<sup>7</sup>, nenhum dos dois podem ocorrer de fato no modo de produção que temos hoje. Apesar disso, é possível levantar uma proposta para além da “prudência ecológica”?

E o que seria a prudência ecológica? A “prudência ecológica” costuma ser um dos pilares do Desenvolvimento Sustentável (DS), a parte que propõe algum tipo de freio ao sistema do capital, mas que geralmente se torna secundário, pois é a parte mais negligenciada. O capitalismo não pretende ser prudente. Comumente ao conceito de Desenvolvimento Sustentável é posto um tripé que o explicaria: eficiência econômica, justiça social e prudência ecológica. Então, é visivelmente fácil de observar que a justiça social nunca foi e nunca será propósito do capitalismo. Pode esque-

---

<sup>7</sup> Ainda assim, em nota, vamos distinguir... Vamos com uma boa definição que encontramos, de Haide Sousa: “[...] *Preservação é manter a natureza intocável, promovendo ações que garantem a manutenção das características próprias do ambiente e as interações entre os seus componentes, como por exemplo, florestas em que o homem não pode desmatar, caçar ou fazer qualquer alteração. Já a conservação, tem haver [sic] com uso sustentável da natureza, um sistema flexível ou um conjunto de diretrizes planejadas para o manejo de utilização sustentada dos recursos naturais, como por exemplo, reservas extrativistas onde comunidades locais tradicionais podem explorar os recursos naturais de forma sustentável. Os dois conceitos são muito importantes, pois tanto preservar quanto conservar são necessários para a manutenção das riquezas naturais do nosso planeta, de forma que ele continue habitável por muitas gerações!* [...] [cf. <https://portais.ufma.br/PortalUnidade/ufmasustentavel/paginas/noticias/noticia.jsf?id=52999>]. Comumente encontramos vieses pouco avançados para as duas definições, vamos destacar dois, um para cada. “Preservar” muitas vezes vem com a ideia inapropriada de que é possível existir partes da natureza que podem e as queremos intocáveis. Na verdade, sendo o homem um ser natural tanto leva a natureza em si mesmo, quanto não há lugar que a sua influência, por conta de seu interesse, não se faça presente direta ou indiretamente. E “conservar”, apesar de ser algo que faz mais sentido porque considera o impacto do homem, torna-se limitado quando em algumas ocasiões propõe limitar a ação e reflexão ao que é sustentável, no caso, é restringe-se à situação de não comprometer o futuro quando seria possível ousar mais.

cer! Eficiência econômica é o que mais se deseja, mas e a prudência ecológica? O que argumentamos aqui é que isso é uma aporia, que eficiência econômica não é somente inconciliável com justiça social, como também é em relação à prudência ecológica. Se o primeiro entra, os outros dois saem, pois é uma relação *trade-off* no sistema do capital.

Destarte, DS que para nós é um paliativo, considerando tudo que vamos argumentando. Insistimos: não é possível uma solução à questão ambiental dentro do sistema do capital. Mas, o que nos restaria fazer dentro do capitalismo? Inevitavelmente, pensando até numa travessia, poderemos perseguir o que é negligenciado: a justiça social e a prudência ecológica. O desafio se alia a pensar numa transformação para outro modo de produção sem optarmos pelo “quanto pior, melhor”.

Com a ansiedade controlada, vale entender que diagnosticar o problema é o primeiro passo para seguirmos. E mesmo que não tenhamos clareza da solução, é um imperativo hipotético que ela existe. Solução iminente virá da materialidade, de sua leitura e releitura, do anseio de buscar e experimentar caminhos. Solução não deverá vir do *insight* de uma só pessoa, mas do agir do coletivo, nas reviravoltas das classes dominadas, nas resiliências, mas sobretudo nas reações contra-hegemônicas dos que mais sofrem. Por muitas vezes, isso poderá não vir da luta mais estridente, mas sempre do desvelamento do que está injusto, incorreto ou insuficiente. Quando propomos ter “prudência ecológica” pode ser na verdade o que é possível fazer, até o momento que o conhecimento chegue para revelar as lutas que precisam ser travadas. Não é fácil dentro da educação travar as lutas mais decisivas, mas, parafraseando Paulo Freire, será através dela que vamos vislumbrar onde deverão ocorrer. Por aí que propomos a “prudência ecológica”. Vale garantir que nunca se tratará de uma conciliação com o sistema do capital, mas talvez a construção de um caminho que nos levará aos adversários do meio ambiente e dos trabalhadores.

Feito esse preâmbulo, entendemos que “prudência ecológica” é toda ação que precisamos obter para reprodução de nossas vidas, considerando os aspectos materiais e imateriais, sem perder de vista o propósito de melhorar a relação com o ambiente, buscando a diminuição dos impactos nocivos que desconfiguram ecossistemas, que agredem excessivamente a

natureza com seus seres vivos e não-vivos. No fim das contas, é a compreensão ampla de trabalho humano reconectado à natureza.

Assim, chegamos que toda a atividade humana, ou seja, o trabalho, e toda sua relação com a educação, no caso, a formação para o trabalho, precisam imprescindivelmente ver de que maneira se relacionam com a natureza, procurando efetivamente se constituírem menos agressivos, no fim, mais cautelosos. Quer dizer, haverá luta, porque da mesma forma para quem busca justiça ambiental, buscar prudência ecológica ainda que pareça mais tranquilo ou até pacifista, com certeza não será bem recebido pelos defensores do capitalismo, no fim das contas.

Se vamos seguir com essa “luta ecológica”, será que podemos influenciar o desenvolvimento científico-tecnológico? Dentro do capitalismo será muito difícil, mas partindo com essa ideia de que se trata de uma luta, talvez possa ajudar bastante. Preferimos inclusive começar chamando de “desenvolvimento científico-tecnológico” e não desenvolvimento, porque, quem sabe, com a essa palavra feminina não conseguiremos diminuir a obsessão que o capitalismo possui por desenvolvimentismo econômico para imprimir uma marca mais favorável ao meio ambiente.

E para terminar essa seção, uma notícia mais do que emblemática:

O Rio Negro atingiu nesta segunda-feira, 16, o mais baixo nível já registrado em Manaus, a capital do Amazonas. O índice medido às 5h40 apontou cota de 13,59 metros, superando em quatro centímetros a maior seca histórica anterior, registrada em 2010, de 13,63 metros. Em um dia, o Negro, que forma com o Solimões o Rio Amazonas, baixou mais de dez centímetros, reduzindo a vazão em um ritmo sem precedentes. Desde sábado, 14, a redução foi de 32 centímetros. [17/10/2023] (Exame, 2023).

Se a maior vazante do Rio Negro entre todos os registros da história, em 121 anos, não é suficiente para ligarmos o alerta de emergência, que mais eventos precisamos observar para ligar? Quando falamos em emergência é a situação que vai se tornando visível e grave, mas que ainda tem

reversão. Ambientalistas possuem estudos que nos propõem a considerar o “ponto de não retorno”<sup>8</sup>, muitos ecossistemas já enfrentaram isso, vamos esperar que os biomas da atualidade, alguns já remanescentes, também possam encontrar seus pontos de não retorno? Para que isso?

Nos últimos tempos temos visto muitos intelectuais orgânicos ligados a setores estruturais (sejam do setor financeiro, da mídia, do agronegócio, do capitalismo central) se mobilizando mais para a problemática ambiental, alguns com sincera sensibilidade frente aos desastres ambientais de grande proporção, outros porque estão observando as ameaças aos negócios. Um personagem que representa bem isso, de forma planetária, é o ex-vice-presidente americano e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Albert Arnold Gore Jr. ou simplesmente Al Gore. Al Gore chegou a ganhar o prêmio Nobel da Paz junto com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e isso depois de conquistar o Oscar de 2006 pelo documentário *An Inconvenient Truth (Uma Verdade Inconveniente)*. Al Gore provavelmente é o melhor exemplo até onde o sistema do capital pode ir, na melhor de suas intenções, com a pauta ambiental. Chega ao máximo no patamar da conscientização, mas efetivamente não consegue a materialização de suas ideias, deve ser para eles algo muito frustrante, para nós é a confirmação de que “capitalismo verde” soa como um oxímoro. No Brasil, vale destacar três estudiosos que estão debruçando por agora no assunto: Armínio Fraga, Miriam Leitão e João Moreira Salles. Vale dizer que os três estão, de fato, sensibilizados com o tema, percebem que é a temática mais importante no *devoir* da sociedade global.

Armínio Fraga Neto, ou só Armínio Fraga, é possivelmente o maior exemplo de quadro que o sistema do capital pode formar, como também é emblemático, especialmente por se brasileiro (ainda que com a dupla nacionalidade, sendo também americano), carioca, latino-americano. Fraga Neto é a própria representação do que seja um intelectual orgânico do sistema, aqui estamos procurando fazer essa apresentação sem nenhuma

---

<sup>8</sup> “O desmatamento pode estar levando a Floresta Amazônica para uma situação na qual a floresta não consegue mais se regenerar diante das agressões provocadas pelo homem. Se o ritmo atual de devastação for mantido (ou aumentar), este “ponto de não retorno” pode chegar já em algum momento entre 15 a 30 anos. O alerta é de um dos principais estudiosos do tema no país, o climatologista Carlos Nobre.” (cf. Shalders, 2019).

depreciação. Fraga Neto foi ex-presidente do Banco Central do Brasil na época do governo de Fernando Henrique, sua trajetória acadêmica vai de estudante da Puc-Rio até ser professor de assuntos internacionais na Universidade de Columbia em Nova York. E a cereja do bolo é saber que Fraga Neto trabalhou fundo de investimentos Soros Fund Management LLC, negócio do bilionário George Soros<sup>9</sup>. Fraga Neto mistura o sucesso como investidor capitalista com a participação efetiva no Estado, procurando sempre dar continuidade de seu pensamento econômico no espaço político. Não obstante, o que está mais chamando a nossa atenção agora é a sua guinada para temática ambiental.

Na avaliação de Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central (BC), já não se pode dizer que há surpresas relacionadas à questão climática, e o país caminha para um “precipício” caso não sejam adotadas medidas para lidar com a degradação do meio ambiente. Segundo Arminio, o gasto público vem aumentando desde a redemocratização do país, mas, ainda assim, falta prioridade no melhor uso dos recursos. [16/09/2022] (Costa, 2022).

Não vamos tratar como uma grande contradição por parte de Armínio Fraga, mesmo que saibamos de todo seu histórico dentro da ortodoxia econômica, essa guinada à temática ambiental. É possível que o próprio Armínio Fraga não veja como contradição, talvez veja como conciliável trabalhar (como sempre o fez) por uma economia rentista (concentradora de riqueza) com a prudência ecológica. Para nós, parece a mesma contradição que sempre carregou a sua economia liberal, que em sua história sempre mirou a concentração de renda enquanto argumentava se era possível conciliar esse alvo com justiça social. Constituindo-se sempre em retórica.

A Miriam Leitão é uma das mais conhecidas repórteres da televisão brasileira, comentarista de economia e política, com uma biografia muito extensa, possui as marcas de ter sido torturada pela ditadura militar, mas também de ter uma tido leitura econômica excessivamente aliada ao pen-

---

<sup>9</sup> Cf. <https://www.gaveainvest.com.br/empresa/#equipe>. Vale conferir também a Introdução do livro “Banco Central do Brasil” (Fraga Neto, 2019).



samento da maior rede de TV do Brasil, em que trabalha, a Rede Globo. Dessa maneira, carrega todas as contradições desse percurso, de talvez ter tido uma leitura negativa por demais enviesada para avaliar os governos petistas, para depois se vê perseguida e difamada pelos bolsonaristas. Não obstante, tem o reconhecimento de que é uma grande repórter, defensora da democracia com posicionamentos típicos da imprensa liberal capitalista. Ela também tomou para si o tema ambiental e seu livro lançado em 2023 demonstra isso: “Amazônia na encruzilhada: o poder da destruição e o tempo das possibilidades”. Vale um trecho de sua introdução:

O mundo também está no momento mais dramático de escolha sobre a vida humana no planeta. Na nossa Amazônia é travada uma batalha crucial em torno dessa decisão de vida. A Terra sem a Amazônia pode ficar inviável para os bilhões de humanos. Em conversa com cientistas ao longo das últimas duas décadas, fiquei profundamente convencida disso. Os anos recentes mostraram como estão certas as pessoas que dizem que a Amazônia nos coloca e nos tira do mundo. Essa é a encruzilhada. Como repórter e comentarista da área econômica, o que tenho sido ao longo da vida, vi a questão ambiental e climática invadir a lógica econômica, e a economia chegar, aos poucos, aos debates ambientais quando essas conexões ainda não eram tão evidentes. Por isso quero falar sobre esse ponto de encontro, onde há muito tempo espero a conciliação (Leitão, 2023, p. 14).

Trazer a questão ambiental ao encontro da economia é o objetivo dela. Entendo que é um dos nossos objetivos também. Não obstante, considerando o diálogo que queremos fazer com a Miriam Leitão, eis nossa questão: “quem transforma quem”? A economia capitalista por onde ela acumulou reflexão servirá como base para entender a problemática ambiental? Não seria essa economia que nos trouxe aos impasses que vivemos hoje? E algo que já nos posicionamos contrário a ela, desde o início, a proposta de “conciliação” é o erro, a economia capitalista como se impõe não quer isso, sempre quis e continuará subordinando o ambiente.

E agora, vamos ao nosso terceiro personagem brasileiro: João Moreira Salles. Colocá-lo como intelectual orgânico da burguesia tem possibilidade de ser injusto, porque sua trajetória quanto cineasta, roteirista, escritor, produtor, financiador de pesquisas científicas, apoiador da arte, fundador de jornais e especialmente pelo conteúdo político de suas obras. João Moreira Salles é alinhado a reflexões humanistas e a maior parte delas podem ser colocadas no que definimos como contra-hegemônicas. Não obstante, há que algo depõe contra. João pertence a uma das famílias mais ricas do país, a família Moreira Salles. João Moreira Salles é simplesmente bilionário. Ele está condenado a ser intelectual orgânico do sistema por ser bilionário? Então, pedir para que ele abandone tudo e haja como São Francisco deve ser demais. O fato é que ele conduz seu enorme dinheiro para financiar atividades artísticas, culturais e ambientalistas de muita relevância para muita gente. Ao mesmo tempo, vale saber que sua riqueza vem de setores capitalistas bem estruturais, do setor bancário e da indústria da metalurgia e mineração. Enfim, João Moreira Salles é rico demais e suas obras podem ser ótimas contradições... A aproximação mais emblemática e recente sobre a problemática ambiental é seu livro “Arrabalde: em busca da Amazônica” publicado em 2022 (cf. Salles, 2022). Vamos com um trecho de uma entrevista que ele deu para promover o livro:

[Entrevistador] O que você chama no livro de “colonização indiferente” e como ela contribui para a destruição da Amazônia?

[J.M. Salles] A colonização indiferente permite que a Amazônia seja destruída com menos ônus moral. É mais fácil destruir aquilo que não está investido de afeto, de interesse, curiosidade ou conhecimento. Cito, no livro, a visão de colonos que foram para lá nos anos 1960 e 1970 e enriqueceram. Homens hoje com 70, 80 anos e donos de casas bonitas, avarandadas. Orgulhosos, eles mostram de suas varandas a obra de uma vida. E a obra da vida deles não é a Amazônia, mas é o inverso da Amazônia. Eliminaram a Amazônia e a transformaram na paisagem que eles conheciam na juventude. [03/03/2023] (Marcelo, 2023).

Semelhante à Leitão, Salles voltou-se para refletir a problemática ambiental através da Amazônia. O ponto forte da reflexão dele é a frase que ele viu se repetir a todo momento nos depoimentos que recolhia sobre as pessoas que chegaram à Amazônia: “quando cheguei, aqui não tinha nada”. A sensibilidade de Salles, adquirida em sua veia artística de roteirista e cineasta, faz ele perceber que o que nós brasileiros fazemos com a Amazônia em alguma medida é a própria forma com que tratamos a natureza, essa “colonização indiferente” que permite a destruição sem lamentos ou arrependimentos. Por outro lado, talvez implicância nossa, Salles sempre nos parece fazer uma espécie de remissão dos pecados, apesar de todo seu esforço, parece sempre um pedido de perdão do Centro-sul ao Norte e ao Nordeste. Ao menos, é um sudestino rico preserva esse sentimento...

Considerando nossa perspectiva, alfinetaríamos os três, dizendo-lhes que nada que escrevam, nada que proponham ou até mesmo o pouco que puderem influenciar em termos de política pública será expressivo se não romperem com o princípio de manutenção ou mesmo de revisão da economia capitalista. Quer dizer, só poderão indicar caminhos que sejam mais contundentes se suas reflexões inclinarem a propor uma outra economia, orientando suas hipóteses e teses a um processamento que almeje a transformação do que há hoje, que queiram uma revolução. Se não for dessa forma, continuarão aliados a todo processamento que mantem a degradação da natureza. Vale a reportagem abaixo, como exemplo:

Fazendeiros já sentem os efeitos da mudança climática na terra e no bolso. Pesquisa com 800 fazendeiros de oito potências agropecuárias, incluindo o Brasil, revela que 71% já sentem impactos das mudanças climáticas, como secas, enchentes e pragas, na produtividade e no lucro. [15/10/2023] (O Globo, 2023b).

Vale ver que até os “homens do agronegócio” começam a enxergar que talvez precisem dar atenção às mudanças climáticas. Mas, isso os levará a propor que as áreas agricultáveis sejam mais controladas? Virão com propostas de aumento das Unidades de Conservação? Os “homens do agronegócio”, quanto classe, desejarão a floresta em pé, a intocabilidade dos

solos das reservas indígenas e dos povos quilombolas? Difícil de acreditar, ainda mais nessa sociedade funcionalista que é o capitalismo. Nessa mesma reportagem acima, na versão impressa, um economista, Bráulio Borges (da LCA Consultores e pesquisador da FGV Ibre) traz esses trechos abaixo, na entrevista que concedeu aos jornalistas dessa matéria:

[Sobre os desafios que o setor do agro enfrenta nesse ano] (...) Há duas coisas acontecendo. Temos essa tendência de aquecimento global, que já vem há 150 anos, e toda a agenda da transição energética. E, neste ano, o El Niño está amplificando isso. (...) [Neste momento] Reservatórios de hidrelétricas estão cheios e a matriz mudou muito. Em 2000 e 2001, antes do apagão, tínhamos 90% da eletricidade vindos de hidrelétrica. Entre 2011 e 2012, eram 70%. Hoje está em pouco menos de 60%. Ainda é alto na comparação mundial, mas já mudou muito. [O repórter pergunta: *E o efeito na agropecuária?*] No agronegócio teve alguma adaptação, com aumento da irrigação. É algo mais previsível que a chuva, mas o percentual de terras irrigadas no Brasil ainda é baixo. [15/10/2023] (O Globo, 2023c).

Para nós, essa passagem acima é reveladora. Suprimos alguns trechos e acrescentamos as informações para facilitar o entendimento, mas procuramos manter a ideia central. E o primeiro item dessa ideia que vale destacar é dizer que o processo do aquecimento global é algo que decorre há 150 anos, quer dizer, algo praticamente inevitável, segundo o economista, o preço ser pago por quem deseja o desenvolvimento industrial. Esse teor fatalista é muito peculiar aos defensores do capitalismo. Nem problematiza se o desenvolvimento poderia ter percorrido outros caminhos, apesar de enxergar que pode haver uma transição energética (como a que parece ocorrer agora). O curioso é que defendendo os interesses do agronegócio está indicando que esse setor, especialmente para o período da seca (essa que veio com a crise climática), amplie sua estrutura de irrigação, sugerindo que essa água está disponível nos reservatórios do setor elétrico. Definitivamente, o sistema do capital não tem vocação para lidar com as causas, prefere sempre remediar as consequências. Na verdade, ao

remediar dessa maneira, o sistema só agrava o que precede aos sintomas, como essa proposta feita pelo economista acima. Essa proposta indecorosa, apartada de todo o restante da sociedade, que o agronegócio em nome da recuperação de seus lucros faça uso da água que estão nos reservatórios para enfrentamento da seca. Essa seca, ela sim, democratizada a todos.

Por isso que vale dizer, que apesar da boa intenção de personagens com Armínio Fraga, Miriam Leitão e João Moreira Salles, só é possível acreditar nas propostas que fazem se abandonarem suas reflexões clássicas da economia liberal e começarem a desembocar em algo como uma economia ecossocialista... Quem sabe por aí será possível acenar para o diferente com eles. Por enquanto, está difícil de acreditar.

## **COMO FICA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DIANTE DA QUESTÃO AMBIENTAL?**

Antes de refletirmos sobre a Educação Profissional (EP) propriamente, vale demarcar logo uma posição que considera o momento que estamos vivendo: supomos possuir ainda tempo para reverter o atual processo de degradação ambiental para algo favorável ao homem e à natureza atual. E isso é importante dizer, pois já vimos em estudos anteriores (Bomfim, 2015), que já há propostas de educação com tamanha resignação que já promovem lidar com a situação das contingências. Há propostas como a “Educação para Mudanças Climáticas” que por ser timidamente crítica ao sistema do capital, coloca-se na situação de mitigar as consequências. Eis ao que chegamos anos atrás:

Da forma como é posto, parece que, em muitas das vezes, [a Educação para Mudanças Climáticas] é uma “Educação para um Plano de Contingências”. Está mais para um treinamento do que educação. Carrega a fatalidade, vem para mitigar e se adaptar às mudanças climáticas, então vale a questão: não tem jeito, não há solução? (...) A conclusão que chegamos é que a “Educação para as Mudanças Climáticas” é uma aporia, não tem razão de ser, age num não-lugar e não tem perspectiva. (...) uma expressão infeliz,

parece até que foi cunhada para reforçar as tais mudanças ou, contraditoriamente, lidar com elas como se não fossem antrópicas.

Mesmo que considerássemos a irreversibilidade do que o homem já causou sobre alguns ecossistemas, para que serve uma Educação que não intenciona interromper o processo de degradação, preferindo a adaptação. Adapta-se até quando? (Bomfim, 2015).

A Educação Profissional (EP) que precisamos construir, para enfrentar à problemática ambiental, precisará primeiramente garantir-se na esteira crítica dos filósofos da práxis que encontramos na área de Trabalho e Educação, mas também garantir o encontro com a Educação Ambiental Crítica (EA-crítica) que aqui estamos apresentando. Terceiro, precisa se desvencilhar da sedução que o sistema do capital exerce com sua educação ambiental alienante, possível de ser adjetivada de várias maneiras: educação ambiental conservadora, educação ambiental para o desenvolvimento sustentável, educação ambiental conciliatória etc. A Educação Profissional Crítica (EP-Crítica) precisa não se deixar levar pelo tecnicismo que existe também nas tais tecnologias verdes, nas propostas paliativas de mitigação, pelo mercado dos créditos de carbono, pelo mercado verde (de maneira geral) etc. O que não significa renunciar esses lugares, mas compreender que podem não ser suficientes ou que não são pontos de chegada. Não adianta trabalhar em plásticos biodegradáveis se o processamento de plásticos perenes não esbarrar em políticas para sua diminuição, não adianta se preocupar em mitigar os efeitos dos gases de efeito estufa (GEE) enquanto o sistema procura por manter produção e mercado para a energia de base fóssil.

A questão ambiental precisa entrar na EP da mesma forma que entra para os educadores ambientais críticos. Primeiro, ter o meio ambiente com um tema central, porque sem isso não tem como prosseguir. Segundo, pressupondo que tanto a EP e a EA estão postos do lado contrário ao sistema do capital, suas teorizações e ações devem estar dispostas a romper com a lógica desenvolvimentista, romper com essa lógica que procura camuflar a incontroabilidade do capital em relação ao antagonismo entre sua economia e o meio ambiente (relação *trade-off*). Terceiro, não pode achar

que o avanço técnico-tecnológico e a intenção de manter um ambiente favorável às gerações futuras é o suficiente, porque é importante entender que os incrementos tecnológicos não são apolíticos, carregam suas próprias características sociais-culturais e que seu desenvolvimento nem sempre é ético ou mesmo ecológico. E que corresponder às gerações futuras pode ser algo tão impreciso que nos leva a negligenciar as gerações presentes. Na tríade atribuída ao Desenvolvimento Sustentável, é importante que a EP não dê prioridade maior à eficiência econômica, mas muito mais à justiça social e à prudência ecológica. E claro, tanto a EP quanto a EA, que se pretendem críticas, sabem que sua realização de fato só pode ocorrer numa outra economia, noutro modo de produção, noutro sistema social que não é do capital.

#### **NOSSAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUE EDUCAÇÃO, AFINAL?**

Para quem deseja fazer a filosofia da práxis, para quem não quer fazer uma ciência positivista – que no fim das contas é apartada da realidade –, fazer pesquisa científica também é militância. Nos últimos anos, isso tem ficado ainda mais claro, porque basta estudar, perguntar, perseguir respostas, tentar fazer isso cuidadosamente, para definir seu lado. A compreensão de que a militância ocorre desde o início da pesquisa não dá direito à deturpação, mas seria exatamente o contrário, por termos como pressuposto que não temos nada a perder e que não desejamos esconder nada, isso que nos faz perseguir o desvelamento da realidade até o fim das contas. Queremos a ciência materialista! Claro, é possível que momentos de pesquisa tenham seus momentos próprios, assim como os de militância, ou seja, ora se alternam, ora caminham juntos, dialeticamente. A Educação precisa ir dessa forma também.

Em relação ao encontro da ciência e a educação com a questão ambiental, torna-se indispensável considerar essa realidade iminente em todos os instantes, do momento da pesquisa ao momento do ensino, passando pela divulgação até a ação política. Nosso pressuposto é que pesquisadores alinhados aos grupos hegemônicos precisarão se esforçar mais e mais para

esconder suas contradições, porém não precisamos e não podemos esperar. Mesmo porque uma questão ronda nossas cabeças: dará tempo? Estamos perigosamente flertando com o que os ambientalistas chamam de “ponto de não retorno”, por que não consideramos isso como algo perigoso? Até quando vamos chamar ambientalistas de alarmistas-extremistas? Em nome de quê? Da vida que levamos hoje, pela manutenção deste sistema que já tem sido ruim para maior parte das pessoas?

A Educação Profissional (EP), em especial, terá que ser atravessada integralmente por essa Educação Ambiental Crítica (EA-Crítica), desde o acolhimento de seus alunos-calouros até sua formação continuada, desde seu aspecto técnico-tecnológico até o político. Claro, não estamos num modo de produção favorável, sabemos que não é possível que qualquer educação se realize plenamente aqui, já que os impedimentos do próprio sistema do capital são enormes. Mas, nessas condições o que é possível realizar? Podemos vislumbrar uma travessia? Não podemos potencializar as contradições? Para isso, precisamos enxergar as contradições, estudar e pesquisar, considerar os conflitos de interesse, indicar caminhos contra-hegemônicos... Isso é praticamente o que os filósofos da práxis da área de Trabalho e Educação sempre fizeram com a EP, com o intuito de fazê-la a favor da classe trabalhadora. Teórico-metodologicamente falando, é por aí mesmo que continuaremos, só estamos acrescentando essa contradição perigosa para o ser humano: de que a economia do sistema do capital não é capaz de dar solução ao próprio problema ambiental que engendrou e deverá agravar...

Ainda lutamos por apreender o futuro, mas disputamos esse futuro com as classes dominantes. Até supomos que essas mesmas classes não queiram a destruição do planeta, mas se esforçam em acreditar que a economia que sustentam não tem nada a ver com isso... Isso explica por que a ciência está do nosso lado, porque não queremos só a “prudência ecológica”, mas também a “luta ecológica”, porque precisamos sacudir as estruturas desse modo de produção agora, isso deve ser a motivação dos educadores e pesquisadores críticos, do início de cada manhã e até a hora de dormir, sete dias por semana, todos meses e anos que puder...

*Eppur si muove!*



## REFERÊNCIAS

BOMFIM, A. M. “O senhor não sabe não...? Isso é devido ao aquecimento global”: a educação ambiental midiática a contrapelo. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 04 a 08 de outubro de 2015. *Anais [...]*. ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, UFSC – Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT22-4467.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M. Educação Ambiental (EA) para além do capital: estudos e apontamentos para a EA sob a perspectiva do trabalho. *Revista Trabalho Necessário*, Niterói, ano 9, n. 13, p. 1-20, junho. 2011b. Edição especial. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6849/5132>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M. O (Sub)Desenvolvimento (In)Sustentável: A Questão Ambiental nos países periféricos latino-americanos. *Trabalho Necessário*, Niterói, ano 8, n. 10, p. 1-18, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6104>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M. *O agronegócio e seu rastro de mentiras e destruição: um estudo sobre trabalho-educação e ambiente na perspectiva da luta de classes*. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2022. Relatório de Pesquisa de pós-doutorado.

BOMFIM, A. M. Trabalho, Ambiente e Educação: onde está localizado o vanguardismo dessa relação?. Resumo Expandido – Trabalho. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 40., 2021. GT09 - Trabalho e Educação. *Anais [...]*. ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2021. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_39\\_23](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_39_23). Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M. Trabalho, Meio ambiente e Educação: apontamentos à educação ambiental a partir da filosofia da práxis. *Revista Labor*, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 1-18, 2011a. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6635/4854>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M.; PICCOLO, F. D. Educação Ambiental Crítica: a questão ambiental entre os conceitos de cultura e trabalho. *Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 27, p. 184-195, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3236/1923>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BOMFIM, A. M.; TRINDADE, M.; SILVA, F. OLIVEIRA, T. S. (org.). *A Questão Ambiental na Educação Básica*. Rio de Janeiro: Publit, 2015.

COSTA, V. 'Estamos indo para o precipício', diz Arminio Fraga sobre a falta de prioridade para proteger meio ambiente. *O Globo – Economia - Rio*, Rio de Janeiro, 16 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/09/estamos-indo-para-o-precipicio-diz-arminio-fraga-sobre-a-falta-de-prioridade-para-protetger-meio-ambiente.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

EXAME. Rio Negro, em Manaus, atinge nível mais baixo da história; seca deixa cidades isoladas. *Exame*, São Paulo, 17 out. 2023. Estadão Conteúdo. Disponível em: <https://exame.com/brasil/rio-negro-em-manaus-atinge-nivel-mais-baixo-da-historia-seca-deixa-cidades-isoladas/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

FRAGA NETO, A. *Banco Central do Brasil*. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, 2019. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/historiacontada/publicacoes/hc\\_bc\\_volume\\_24\\_arminio\\_fraga\\_netto.pdf](https://www.bcb.gov.br/historiacontada/publicacoes/hc_bc_volume_24_arminio_fraga_netto.pdf). Acesso em: 21 jun. 2024.

G1. Chuvas de outubro quebram recorde histórico dos últimos 26 anos em Curitiba; acumulado está em 280 mm. *G1 PR*, Curitiba, 12 out. 2023a. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/10/12/curitiba-quebra-recorde-de-chuva-dos-ultimos-26-anos-para-mes-de-outubro-acumulado-esta-em-280-mm.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

G1. Dia vira 'noite' em SP com frente fria e fumaça vinda de queimadas na região da Amazônia. *G1*, São Paulo, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/19/dia-vira-noite-em-sao-paulo-com-chegada-de-frente-fria-nesta-segunda.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

G1. Estiagem deixa centenas de municípios do Rio Grande do Sul em situação de emergência. *G1 JORNAL NACIONAL*, Rio de Janeiro, 4 fev. 2023b. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/02/04/estiagem-deixa-centenas-de-municipios-do-rio-grande-do-sul-em-situacao-de-emergencia.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

G1. Terra tem em 2023 o mês de setembro mais quente da história. *G1 JORNAL NACIONAL*, Rio de Janeiro, 5 out. 2023c. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/10/05/terra-tem-em-2023-o-mes-de-setembro-mais-quente-da-historia.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

JORNAL NACIONAL. Terra tem em 2023 o mês de setembro mais quente da história. *G1*, Rio de Janeiro, 5 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/10/05/terra-tem-em-2023-o-mes-de-setembro-mais-quente-da-historia.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

KONDER, L. *O futuro da filosofia da práxis: pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEITÃO, M. *Amazônia na encruzilhada: O poder da destruição e o tempo das possibilidades*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

LÖWY, M. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. *Caderno CRH*, Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/dZvstrPz9ncnrSQtYdsHb7D/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LÖWY, M. *Ecologia e Socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCELO, C. João Moreira Salles: ‘Tudo ainda está em jogo, mas a encruzilhada é agora’. *Estado de Minas – Pensar*, Belo Horizonte, 3 mar. 2023. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/03/03/interna\\_pensar,1464065/joao-moreira-salles-tudo-ainda-esta-em-jogo-mas-a-encruzilhada-e-agora.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/03/03/interna_pensar,1464065/joao-moreira-salles-tudo-ainda-esta-em-jogo-mas-a-encruzilhada-e-agora.shtml). Acesso em: 21 jun. 2024.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Campinas: Boitempo, 2002.

MIRANDA, G. Últimos 8 anos foram os mais quentes já registrados. Por Giuliana (Lisboa). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/01/ultimos-8-anos-foram-os-mais-quentes-ja-registrados.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MONTEIRO, E. Cheia 2023: Rio Negro atinge cota de inundação em Manaus; entenda. *G1 AM*, Manaus, 12 maio 2023b. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/05/12/cheia-2023-rio-negro-atinge-cota-de-inundacao-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MONTEIRO, E. Manaus tem a 3ª maior seca já registrada e está a 28 cm da vazante histórica. Por Eliena. *G1 AM*, Manaus, 13 out. 2023a. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/10/13/manaus-tem-a-3a-maior-seca-ja-registrada-e-esta-a-28-cm-da-vazante-historica.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

O GLOBO. Incêndios, inundações, ciclone no Brasil: veja os extremos climáticos nos Hemisférios Norte e Sul neste ano. Por AFP — Londres. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 set. 2023a. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/clima-e-ciencia/noticia/2023/09/06/incendios-inundacoes-ciclone-no-brasil-veja-os-extremos-climaticos-nos-hemisferios-norte-e-sul-neste-ano.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2024.

O GLOBO. O Clima extremo já reduz safra e lucro em potências do agro. Por João Neto e Vinícius Neder. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 out. 2023b. A partir da versão impressa. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/article/281487871012321>. Acesso em: 21 jun. 2024.

O GLOBO. Secas de impacto muito mais negativo. Entrevista com Bráulio Borges. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 out. 2023c. A partir da versão impressa. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/article/281887302970849>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PIMENTEL, C. Temporais no Sul e seca no Norte: entenda efeitos de El Niño no Brasil. *Agência Brasil*, Brasília, DF, 30 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/temporais-no-sul-e-seca-no-norte-entenda-efeitos-de-el-nino-no-brasil>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SALLES, J. M. *Arrabalde*: em busca da Amazônica. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SHALDERS, A. No desmatamento atual, Amazônia chega a 'ponto de não retorno' em até 30 anos, diz pesquisador referência sobre clima. *BBC News Brasil*, Brasília, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50468611>. Acesso em: 21 jun. 2024.

TREIN, E. S. A Educação Ambiental Crítica: crítica de que? *Revista Trabalho Necessário*, Niterói, v. 20, n. 43, p. 295-308, set./dez 2022. Edição especial. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/56489>. Acesso em: 21 jun. 2024.

UMA VERDADE Inconveniente: Um Aviso Global. Direção: Davis Guggenheim. Roteiro: Lawrence Bender, Scott Burns, Laurie Lennard e Scott Z. Burns. Intérpretes: Al Gore. Lawrence Bender Productions. Estados Unidos da América. Participant Productions, 2007. 1 filme (100 min), son., color.

YAZBEK, P. Setembro foi mês mais quente da história, aponta serviço de mudanças climáticas da Europa. *CNN Brasil*, Paris, 6 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/setembro-foi-mes-mais-quente-da-historia-aponta-servico-de-mudancas-climaticas-da-europa/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

